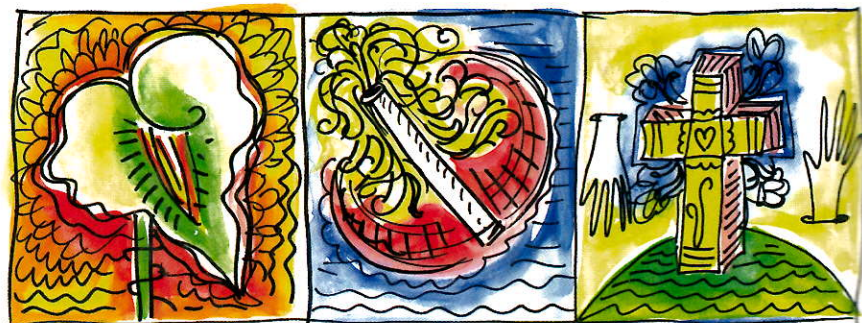




O que mais me chama a atenção na poesia de Antônio Sodr  /.../ é o trabalho com as imagens. A força da poeticidade no manuseio das imagens. São espaços, regiões, geografias físicas que se transmutam no próprio corpo e alma do poeta. Todos os espaços são da vida, do corpo, do dia-a dia e são da imaginação e do onírico. Assim, as imagens que propõem, e definem, o exterior re-elaboram-se e redefinem-se em interior. O mundo do poeta no poeta d i, é feliz, triste, solitário, ventos, esperança, guerreiro, Chaplin, mulata. Todos eles, tudo ele!

ISBN 85-99146-06-8



RS 15,00

Empório Literário: versos diversos
poemas secos e molhados, perfumarias e outras futilidades literárias
Ant nio Sodr 



Ant nio Sodr 



Empório Literário versos diversos

poemas secos e molhados,
perfumarias e outras
futilidades literárias



 Carlini Caniato
editorial



Antônio Sodré

Empório Literário: versos diversos

poemas secos e molhados.
perfumarias e outras
futilidades literárias

Valderez!
amiga minha
de todos o coração!
E todo seu!
Divirta-se!
Um abraço
do poeta amigo
Antônio Sodré
21/09/05

Antônio Sodré

Empório Literário:
versos diversos

poemas secos e molhados,
perfumarias e outras
futilidades literárias

© Antônio Sodré, 2005

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa do autor (art. 184 do Código Penal e Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sodré, Antônio

Empório literário : versos diversos / Antônio
Sodré. — Cuiabá, MT : Carlini & Caniato, 2005.

ISBN 85-99146-06-8

I. Poesia brasileira I. Título.

05-4939

CDD-869.91

Índices para catálogo sistemático:

I. Poesia : Literatura brasileira 869.91

Coordenação Editorial

Ramon Carlini
Elaine Caniato

Editoração
Ramon Carlini

Revisão
Doralice Jacomazi

Capa
Elaine Caniato

Ilustração da Capa
Adir Sodré

Carlini & Caniato Editorial (nome fantasia da Editora TantaTinta Ltda.)
Rua Nossa Senhora de Santana, 139 - sl. 03 - Goiabeira
78.020-610 - Cuiabá - MT - (65) 3023-5714
www.tantatinta.com.br/carliniecaniato

A Poética de La Transmutación e o Tempo

Mário Cezar Silva Leite

Vou entre a relva verdejante

Que o orvalho molhou a noite inteira

Sou mais um dos que andam sempre à beira

De sonhos que se expiram com o tempo.

(Andarilho – Antônio Sodré)

*Ahora que se va poniendo viejo se da cuenta de que nos es fácil matarla.
Ser una hidra es fácil pero matarla no, porque si bien hay que matar a la
hidra cortándole sus numerosas cabezas (de siete a nueve según los auto-
res o bestiarios consultables), es preciso dejarle por lo menos una, puesto
que la hidra es el mismo Lucas y lo que él quisiera es salir de la hidra pero
quedarse en Lucas, pasar de lo poli a lo unicéfalo. [...] En es espejo del
baño Lucas ve la hidra completa con sus bocas de brillantes sonrisas, todos
los dientes a fuera. Siete cabezas, una por cada década; para peor, la
sospecha de que todavía pueden crecerle dos para conformar a ciertas
autoridades en materia hídrica, eso siempre que haya salud.*

(Un tal Lucas – Julio Cortazar)

“Antes arte do que tarde!”, diria Bené Fonteles. E é isso sobre *Empório Literário, Versos Diversos*. Já não era sem tempo! Já passava havia muito do tempo que Antônio Sodré deveria ter um livro, seu livro. Se é que todos os livros não são seus! Por mais que o mundo esteja nas mais virtuais virtualidades, o poeta ainda existe na medida da existência do livro-papel, da coisa-impressa. Nesse sentido,

embora, em minha opinião, estivéssemos diante de um dos melhores e mais argutos poetas brasileiros em Mato Grosso, estávamos diante de um diluído poeta, quase poeta, quase não poeta por falta da materialidade do livro – não de sua poesia. Infelizmente, em nossa cultura, desconfiamos daqueles poetas que não têm a “prova material oficial” de sua poeticidade. Enfim, então: *Poemas secos e molhados, perfumarias e outras futilidades literárias*.

Difícil, para mim, falar sobre a poesia de Antônio Sodrê sem falar em, e de, Antônio Sodrê. A poética e a vida misturam-se nas relações com a poesia, com o livro, com o poema-conteúdo, com o livro-vida-coisa-poesia. Quando nos “hojes” dos anos 2005 nos encontramos quase todas as manhãs na “rampa de letras” – outro prédio, outras histórias – vinte anos ou mais correm entre nós e nos conectam em histórias que, se levaram cada um por um lado, nunca nos separaram. Nossas histórias se atravessam. Conhecemo-nos em meados dos anos 80 nos corredores do antigo ICHS (Instituto de Ciências Humanas e Sociais), primeiros semestres do curso de Letras da UFMT. Meu período de graduação foi nitidamente marcado pelo grupo que se formou no curso de Letras e assumiu o rumo das artes, divergências, convergências, humores, críticas. Um grupo que se desdobrou logo depois no grupo musical performático Caximir Buquet e que permanece até hoje como Caximir. Antônio Sodrê, Eduardo Ferreira e outros que a minha memória apaga em nomes, mas provê em presenças. Todos lá! Havia vida naquele planeta! Na chapa que se formou para concorrer à diretoria do Centro Acadêmico de Letras, denominada Madame Ques-que-ce e a Fina Flor de Cocho, eu era secretário de alguma coisa cultural talvez e Antônio Sodrê era o Porta-voz. Naquele tempo ele “falava em línguas”. A Madame Ques-que-ce desfilava pelos corredores do antigo ICHS, vestida como uma espécie de rainha mendiga, nós, a sua corte (a fina flor de cocho), acompanhávamos, enquanto o porta-voz fazia seus discursos. Difícil, impossível dizer de sentidos, havia apenas falas em línguas. Algumas vezes quase identificáveis com idiomas conhecidos: inglês, chinês, alemão, árabe, mas não era nenhum deles. E os discursos eram o grande sucesso da chapa. Há um por quê de estar contando isto aqui.

A glossolalia “o dom de falar em línguas” liga-se à história de Babel, ao início da diversidade e da pluralidade enquanto “maldição e condenação” (PAZ, 1991, p. 8). “A história de Babel foi a resposta à perplexidade produzida em todos os homens pela existência de muitas línguas” (PAZ, 1991, p.7). Os discursos de Sodrê nas línguas desconhecidas podem ser relacionados com a poesia, pois:

Na história da poesia, a glossolalia e outros fenômenos semelhantes aparecem com certa regularidade. A frequência com que os poetas se entregam ao frenesi da dança das sílabas e vozes rítmicas irredutíveis a conceitos revela uma vez mais a profunda intimidade, jamais explicada de todo, entre a experiência poética e religiosa. O ‘falar em línguas’ obedece a leis rítmicas inconscientes que não se distinguem em essência das que regem a elaboração dos poemas: metros, acentos, pausas, acoplamento de sílabas, explosão de fonemas e, enfim, todas as variações do ritmo verbal. O discurso de quem ‘fala em línguas’ é ininteligível, mas não carece de forma. Pelo contrário: oferece-se à nossa percepção como uma forma verbal pura. É uma arquitetura de sons edificada como a linguagem rítmica do poema (PAZ, 1991, p. 12).

E que nos conduzam e confirmem as vanguardas! Assim, era isso que Antônio Sodrê difundia pelos corredores em muitas línguas, em outras línguas, em línguas não línguas, profundamente poesia. Uma poesia em ebulição e inquieta que se não se organizara ainda em textos, sentidos e/ou formas, redemuntava em ritmo “como uma forma verbal pura”, pois “o ritmo não é só o elemento mais antigo e permanente da linguagem, como ainda não é difícil que seja anterior à própria fala. Em certo sentido, pode-se dizer que a linguagem nasce do ritmo ou, pelo menos, que todo ritmo implica ou prefigura uma linguagem” (PAZ, 1996, p. 12). Aquilo que para nós tinha um profundo senso de vanguarda, humor e revolução, tinha mesmo este sentido, mas para mim faltou apenas perceber, naquela época, que o desnecessário do sentido provinha da

essência do poético. “A poesia se ouve com os ouvidos mas se vê com o entendimento. Suas imagens são criaturas anfíbias: são idéias e são formas, são sons e são silêncio” (PAZ, 1993, p. 143).

Depois, já organizada em “forma”, sua poesia foi aparecendo, ganhando corpo, espaço, tempo. Meados dos anos 80, várias iniciativas poéticas, do Departamento de Letras e do DCE, colocaram juntos, em alguns livretos, os “alunos-poetas” da UFMT. *Panorama da Atual Poesia Cuiabana*, (oficialmente sem data de publicação, mas 1986, se não me engano) livro caro, em honra e orgulho, a todos nós por ser um projeto visual e gráfico de Wladimir Dias-Pino. Lá estava Antônio Sodré, no emaranhado das imagens de Dias-Pino, por “uma estrada suspensa no ar!”. No mesmo ano, o *Rabicho Poético*¹, com “Ilustrações Afanadas”, editado pela Edições Atropelo do Diretório Central dos Estudantes, traz três poemas seus, entre eles um dos meus preferidos e que também aparece neste *Empório Literário*:

*Eu não quero as réguas
para traçar os meus caminhos
Eu prefiro as éguas
Num galopar torto y veloz!*²

Depois disso, ou entre “issos” surge o *Besta Poética*, com poemas só seus e “desenhos bobos de seu irmão Adir Sodré”.

No *Besta Poética*, configura-se o esplendor do poeta que “falava em línguas” e que olhava, olha, o cotidiano em sua maneira única de ser: tragicômico (poeta e cotidiano): a Louca que usa touca e é mascote da retreta; a moça triste, vestida de branco, imersa na solidão destes tristes anos 80, como nós³. Nesse

1 Para dar uma idéia da abolição poética do período na UFMT vale reproduzir aqui parte da “apresentação” deste livreto: *Rabicho poético é mais uma das dezenas de publicações alternativas para a divulgação da produção poética. Culturalmente, a Amazônia vai mal, obrigado. O DCE sabe disso e dentro de suas possibilidades tenta sempre dar a sua contribuição para amenizar a mesmice deste campus, até agora sem a proteção oficial de nenhum santo* (1986, p. 3).

2 Poema sem título publicado no *Rabicho Poético* e, agora, em *Empório Literário, Versos Diversos*.

3 Fragmentos de poemas do livro *Besta Poética*.

período, Sodré intitulou-se, ou foi intitulado, *el poeta de la transmutación*. Creio que, como eu, muitos acreditaram que o livreto *Besta Poética* colocaria de vez o nome de Antônio Sodré entre os bons e inovadores poetas brasileiros em Mato Grosso. Não sei bem ao certo se isso aconteceu. Como o poeta, tudo entra em transmutação e de repente vira outra coisa. Talvez algumas das cabeças da Hidra de Lucas tenham se cortado... Mas, mesmo com uma produção em livro que pode ser considerada pequena, a poesia de Antônio Sodré circulou, circulava, circula. Há nela, e nele também, aquela idéia de que a poesia não é para ser economizada, “não se pode economizar poemas: é preciso gastá-los. Ou seja, dizê-los” (PAZ, 1993, p. 143).

A retrospectiva que acabo de fazer tem talvez o mesmo sentido do livro que apresento: significar anos de produção poética. *Empório Literário, Versos Diversos* é a junção, conjugação de todo esse tempo que contei, que não contei, que se conta em si na poesia que apresenta.

O que mais me chama a atenção na poesia de Antônio Sodré – além da já apontada maneira de olhar e traduzir o cotidiano, que pela sua tradução perde-se enquanto cotidiano – é o trabalho com as imagens. A força da poeticidade de no manuseio das imagens. O sistema bastante recorrente é de imagens que a partir de uma espécie de explosão, ou exploração, exterior entorna-se para o interior como se mundo, planeta, alteridade e poeta (eu-lírico) fossem inicialmente coisas diferentes que pelo processo poético, pela poesia, tornam-se um só. São espaços, regiões, geografias físicas que se transmudam no próprio corpo e alma do poeta. Todos os espaços são da vida, do corpo, do dia-a-dia e são da imaginação e do onírico. Assim, as imagens que propõem, e definem, o exterior re-elaboram-se e redefinem-se em interior. O mundo do poeta no poeta dói, é feliz, triste, solitário, ventos, esperança, guerreiro, Chaplin, mulata. Todos eles, tudo ele!

*O planeta terra é um barco
sou um navegante dele*

*Parará em que porto?
[.../ no seu convés ecoam meus ais
pois não chego ao meu cais*⁴.

*O saguão está vazio
meu coração também
você não apareceu.*⁵

Às vezes, em poemas de tom amoroso, as imagens tendem a uma inversão no sistema que aponte, vão do interior para o exterior, veja-se:

*Esperei você toda tarde
A noite veio em seu lugar!*⁶

Para Octavio Paz,

toda imagem aproxima ou conjuga realidades opostas, indiferentes ou diferenciadas entre si. Isto é, submete à unidade a pluralidade do real. / .../ Graças a uma mesma redução racional, indivíduos e objetos - plumas leves e pesadas pedras - convertem-se em unidades homogêneas. /.../ O poeta nomeia as coisas: estas são plumas, aquelas são pedras. E de súbito afirma: as pedras são plumas, isto é aquilo (PAZ, 1996, p. 38).

E é assim a poesia de Antônio Sodrê. E é assim Antônio Sodrê! "Volúpia do desejo de todas as carícias e delícias da poesia"⁷. A poesia de Antônio Sodrê é aquela que possui o "grande mistério: o poema contém a poesia sob a condição de não guardá-la; está feito para espargi-la e derramá-la, como a jarra que verte o vinho e a

4 Fragmentos de Soneto da Terra.

5 Poema sem título.

6 Poema sem título.

7 Texto de Antonio Sodrê como dedicatória para o meu *Besta Poética*.

água" (PAZ, 1993, p. 143). A poesia de Antônio Sodrê é aquela do tempo e da transmutação "quando as pedras criarem aroma" e "jardins de pedras florescerão no mundo. Pedras dos mais variados matizes [...]. Já fomos frias (pensarão as pedras)"⁸...

Cuiabá, maio, em dia de sol, de 2005.

Referências Bibliográficas

PAZ, Octávio. *Convergências: ensaios sobre arte e literatura*. Trad. bras. Moacir Werneck de Castro. Rio de Janeiro : Rocco, 1991.

PAZ, Octávio. *A Outra Voz*. Trad. bras. Vládir Dupont. São Paulo : Siciliano, 1993.

PAZ, Octávio. *Signos em Rotação*. Trad. bras. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo : Perspectiva, 1996.

8 Poema Jardim de Pedras.

manifesto

faça-se o poema, de qualquer forma:

aberto,

 fechado,

 rasgado,

 solto,

 louco,

livre, rimado, trovado,

 travado,

com letras miúdas, grandes, grávidas!

faça-se o poema:

marron, vermelho, branco, negro, roxo, verde,

escarlate...

cor-de-chocolate,

com batom ou sem batom:

faça-se o poema!

faça-se o poema: é uma ordem da vida!

essa ordem que não tem compromisso

como o poema

que é feito sem compromisso,

pois ele já é em si um compromisso feito

como a vida, feito um poema...

e o poema se faz

como se faz a dor

costurada, amordaçada, sangrando,

palpitando num delírio

que faz do poema

que faz da dor:

a força que move o mundo!

EU NÃO QUERO AS RÉGUAS
PARA TRAÇAR OS MEUS CAMINHOS
EU PREFIRO AS ÉGUAS
NUM GALOPAR TORTO Y VELOZ!

céu

VÉUS BRANCOS
ESVOAÇANTES
GRANDE MANTO AZUL
NO FUNDO:
“É VERÃO”

físsil

I

"tá" tudo tão "difícil"
 "tá" tudo tão difícil
 tudo seria mais fácil
 se não fosse
 assim tão físsil!

II

é tão cruel a espada,
 é tão montruoso o míssil
 tudo seria mais fácil
 se não fosse
 assim tão físsil!

III

ó! doce manga dócil!
 ó! duro osso fóssil!
 tudo seria mais fácil
 se não fosse
 assim tão físsil!

sonhostantoston tossonhos

os sonhos sonhei-os todos
 num sonhar desesperado
 até me perder sonhando
 imerso no meu passado

recordações ilusórias
 quimeras imagens tolas
 gravadas no inconsciente
 "pra" no presente repô-las!

suscitou-me pesadelos
 assanhando meus cabelos
 oh! era melhor não vê-los
 soaram em vão meus apelos!

mas tem sonhos tão gostosos
 dá vontade de comê-los
 suaves vôos de aves
 caravanas de camelos
 transportando em seus alforjes
 doces, balas, caramelos!

flutuando... flutuando... flutuando

feito espuma colorida
 que chego a pensar que a vida
 é um sonho em movimento.

NUNCA
 PENSEI
 QUE
 VOCÊ
 FOSSE
 TÃO
 FÓSSIL!...

...Ó! MEU
 OSSO
 DURO
 DE
 ROER!

antifilosofia

o reflexo do homem é a sua própria
 sombra!
 toda paixão é fogo fátuo;
 em vão as pessoas se amam,
 o amor é a mais vã das filosofias...

e de nada adianta subir montanhas!
 o homem é muito pequeno
 e por mais que suba
 mais e mais ele fica insignificante
 não li Hegel e nem Kant
 e nunca vi Dante Alighieri
 diante de mim!

me contaram estórias de serafins-sem-asas:
 a cobra e o pássaro, o oposto dos opostos...

e aqui estou eu:

posto...

exposto...

disposto...

a continuar

— ah ! deixa pra depois!

(diz a minha própria imagem falando comigo diante do espelho!)

esculpindo a alegria

FORÇA INTERNA DOS MEUS PÉS!

SAPATEIE MAIS! SAPATEIE MAIS!
SAPATEIE MAIS!

POIS EU QUERO AMASSAR O
BARRO DA TRISTEZA

PARA ESCULPIR A ALEGRIA!

infinito

infinito !

grande grito

que ecoa

ecoa

ecoa...

e quem sou eu?!

meu grito é fraco

sou apenas um minúsculo taco

dessa grande porção que não termina.

suicídio

ME
APERTEI

NO PRÓPRIO LAÇO

QUE DEI!

cem idades

Sei que sou tão velho e tão moço
Que me renovo a cada geração seguida...

O caminho do homem percorro sempre;
Já devo ter dado mais de mil voltas
Ao redor da terra:
Vi Chinas, Américas, Oceanias...
Isso tudo me vem como um sinal da lembrança
Do que fui? Do que sou? Do que serei?!

Em mim passado, presente e futuro se confundem,
Pois sou tão velho que a própria razão de me
Existir se perdeu no tempo...

Por ter tanta idade assim, posso dizer que sou eterno!

contenda chinesa

o camarada

mao

puxou o cabelo

de teng

miao

que miou de dor ...

em socorro de

miao

chegou shan

pao ...

baixando o pau

na cabeça de

mao ...

... que caiu

chin ...

chin ...

chin ...

gan ...

do ...

intempérie

I

os dias vão passando

uns quentes, outros frios.

a vida é que passa comigo:

eu, ser dos estios.

II

de agora em diante

proponho só me chover

só pra poder ser feliz

e lagos, mares, ter.

III

o oceano do meu ser

desaguou n'outro oceano

e hoje em desvario

eu declino plano a plano.

IV

rompem serras, rompem mares

mares dos pesares meus

mar de mim mesmo

ando a esmo

mar de dores: eu!

O MEDO:

DOME-O!

rosa forte

I

Quando a sombra da caneta
Resvala sobre a borda do papel.
Ativa o (ins) pirado ser que escreve
Impelido pela força do cordel
Abre o céu qual abismo d'água imenso
Verso denso de chuva poderosa
Cá na terra desabrocha esplendorosa
A rosa dos amores inquietos!

II

Essa rosa de que falo francamente
Desabrocha
Numa rocha
Que se fende!

Porém, todos que ao vê-la não entende
Essa força arretada que lhe atende,
Partindo ao meio cristal tão poderoso,
Rosa rubra de beleza indescritível!

E NO ABRIR DOS
LEQUES
OS SALAMALEQUES

a manhã

Na manhã que se esvai
Meu coração está nadando em dor.

Lograr felicidade é o que mais desejo:
O calor vai aumentando.
E o meu corpo transbordando em suor!

Luto contra o desespero
Buscando pacificar o meu ser;
Guerreiro sou de mim mesmo
Lutando sem lutar...

Não almejo vitórias
E, tudo que mais quero
É estar em paz
Com o que me rodeia...

I

NENHUMA FLOR

RESTA

NA FLORESTA...

II

NENHUMA

FLORESTA

NENHUMA

FLOR

RESTA...

carnaval

— papai! papai! papai!

“corriaqui”... teu filho “virô” “poetalôco”!

— mamãe! mamãe! mamãe!

venha ver teu rebento.

teu rebento “pirô”

“pirô”... “pirô”... “pirô”

com sua cabeça

pierrô!

tão pierrô!

tão arlequinada!

— oh! papai!

— oh ! mamãe

— “sô” eu!

“sô ” eu!

no mais alto estado de graça, loucura e fantasia!

o púbis

O PÚBIS
 KUM
 TIBS
 KIBS

 Y BRINKUS
 PSICODÉLIKUS...
 HERMÉTIKUS...
 MYSTYKUS

 GIRANDO GIRANDO
 EM EM
 CÍRKULUS CÍRKULUS

 Y SOLTANDO
 FAÍSCA
 PELA
 BOCA...

SER,
 OBJETO SEXUAL,
 SEXUÁVEL,
 SEX-SUAVE:

NAVE
 DUM
 VÔO
 ERÓTICO
 NO
 TRÓPICO

SEI QUE NUVENS ESCURAS
 OBSCURECEM O CÉU DA MINHA
 POESIA
 APESAR DO MEU POEMA
 PASSAR EM BRANCAS NUVENS

é!

soaram sinos pela tarde...

eles me convidam pra dançar
 e eu danço...

e no momento
 em que danço
 minha cabeça se sacode ao vento...

vento interior que se arrasta
 no ritmo das minhas emoções!

soaram sinos dentro da minha cabeça

e a tarde segue melodiosa...

din

don

din

don

din

don...

outubro trouxe chuva
e uma paixão violenta...

alguém "tá" sambando
no meu coração...

o vento que a chuva trouxe
fez um carnaval
e também sambou no jardim:

várias flores amarelas "tão" caídas no chão!

(outubro! nem sei por quê?!)

A SALA VAZIA:

TÃO CHEIA DE MIM!

noturno

I

sigo...

te

per...

sigo...

como cego vou te procurando...

II

nem minha sombra me acompanha

e me vejo como F. Pessoa andando bêbado

às margens do rio Tejo...

III

um realejo

eu desejo

que me toque

que me provoque

no íntimo uma charada...

IV

pr'eu esquecer qu'eu persigo pela noite

o vulto fúnebre da minha namorada...

AI QUE DOR!

AI KI DÔ:

SOU UM LUTADOR FRACASSADO!

balé

vento que refresca
 um corpo já desnudo
 na relva verdejante
 sem roupas como escudo
 se levantando ao ar
 num gesto lento e mudo
 bailando sensual
 na cena, em que me iludo
 rastejo até seus pés, contudo
 tu me escapas
 assim como um veíudo

VÔO

nada...
 como ir
 ao encontro
 do
 nada...
 do vazio...
 desvio
 fio
 da
 espada
 ... estrada
 para
 o
 abismo
 ponte pro céu
 véu
 de
 infinita
 beleza
 certeza
 de
 voar!...

lição de be-a-bá [a mulata]

a mulata

tá

a mulata tá

lá

a mulata Tatá

tá

lá

trá-lá-lá

trá-lá-lá

de lá prá cá

de cá prá lá

rebolando

tá

"Tatá, a mulata"

pé-de-verso

Uma folha branca:

Pede um verso meu!

Uma rosa branca:

Pede um verso meu!

Uma pauta em branco:

Pede um verso meu!

Uma árvore torta:

Pé de um verso meu!

IA... IA... IA...

Y SORRIA... RRIA...
RRIA...

“ERA O RAPAZ DO SORRISO
AMBULANTE”

balada noturna

nuvem que vai

nuvem que vem

(a lua!)

lua que vem

lua que vai

(a nuvem!)

canção

na manhã de brisa leve
 quero que você me leve,
 pequena,
 para bem longe daqui,
 onde a brisa é sempre leve!!!

pode ser no amanhecer,
 no anoitecer, com certeza,
 na madrugada, sonhando,
 oh, meu Zeus, como é suave
 onde a brisa é sempre leve!!!

sei que lá do outro lado
 onde o clima é agradável
 eu serei sempre feliz
 ao seu lado todo afável,
 ó! que vida memorável!
 poderemos ter nós 2!!!

pássaros livres nos ares
 frutas frescas nos pomares
 rede balança assim
 tu serás minha Afrodite
 e eu serei teu Serafim!!!

despedida

I

FOI-SE, ENTÃO

II

CORTANDO MEU CORAÇÃO...!

saguão

I

a cabeça agitada,
o vento que balança o cabelo;
e o meu próprio zelo
onde foi parar?!

II

passos no corredor marcando/ marcando as
horas,
trafegam sem parar.
vozes no burburinho recheiam o ar,
onde uma brisa leve
varre de leve a manhã.

a dor é líquida
e se escorre pelo vão dos dedos
indo formar o oceano das dores marítimas
mais íntimas
por onde navegam os homens tristes.

função do poeta é arrebatrar
este mar de dolorosas ondas
onde quer que esteja
onde quer que vá :
rumores que saem, que caem da boca dos homens
como onda que passa
olhos desaguando no marilhado da desilusão

LANÇAS FINAS DE CHUVA,
DILACERAM...
LENÇÓIS BRANCOS NO VARAL!

flash-back
[para Marília Ortiz Cortez]

I
borboletas brancas voam por entre as árvores
e um vento, mais brisa que vento, refresca o meu rosto...
(e a manhã segue assim, sol a pino.)

II
já se foi o tempo, quando a gente curtia os Beatles
e os Rolings Stones,
ouvindo rádio o dia inteiro
e morando no interior...

III
as manhãs daquele passado
nem semelhança têm com essas que vivo agora.
não que eram melhores ou piores,
só sei, porém, que tinham um cheiro e um gosto
de uma adolescência,
até certo ponto, bucólica
em que até o espremer de uma espinha no rosto
tinha o gosto doce da dor
ardendo nas nossas caras...

por quem os sinos não dobram mais

na manhã que se segue
os sinos não dobram mais
por Elizabeth!

perdeu os ouvidos
e não ouve mais
o coaxar das rãs
o mugido do boi
o piar do grilo...

(nem o sino ela ouve mais...)

por isso é que eles não dobram
nem por ela, nem por mim,
nem pelo quinto serafim!

não há mais sinos,
não há mais meninos.
cantar de rodas não se ouve mais...
tropol de cavalos não se ouve mais.
é no ar que se travam batalhas.

ESPEREI VOCÊ TODA A TARDE...

A NOITE VEIO EM SEU LUGAR!

eroticum

I

que será de nós,
depois dos nós atados?!

II

que será dos nós,
depois de atados, nós?!

III

depois de atados os nós?!
o que será de nós?!

bilacqueana n° I

ora direis, mamar estrelas!
diria o místico poeta
admirador das noites tropicais
estreladas!

estrela! estrela! estrela!
ao vê-la
eu mamo tua luz!

... na Via-Láctea o céu é puro leite deleite
gostoso de se ver
através da minha janela de vidro...

tanto que o maior desejo
é um desejo de bebê
possuindo o maior telescópio do mundo
só para poder "mamar" bem de pertinho
todo leite da Ursa Maior!

baladinha

vento que vai
vento que vem
leva o chapéu,
mas não leva o meu bem

vento que vai
vento que vem
leva o meu bem,
mas me leva também

O ENGENDRAR DO

SER

NO

SER...

PARA ÊXTASE DOS DEUSES:

APOTEOSE DOS ADEUSES...

(MEU AMOR NÃO MORA MAIS AQUI!)

rodeios

não me venha com rodeios,
pois, para atingirmos um fim,
não podemos ficar só nos meios...

PROCURO UM TEMA

PARA COMPOR UM POEMA

NÃO ACHEI UM TEMA

ACHEI UM TELETEMA:

A TV ESTÁ LIGADA!

suave descobrimento

I

Um toque suave
 Uma troca suave
 Mão suave que passeia
 No meu cabelo, suave...

II

O suave e o suave
 Quando juntos suavizam
 Navegam na mesma nave
 Voando no ar, suave...

III

Mar suave com ondas de cabelo
 Nele navega uma mão
 Que como embarcação passa suave
 Descobrimo a América dos Sonhos.

SORRISO

Envolto em não sei quê estou em véus
 Em tules brancos, negros, amarelos,
 Roçando a mão em algo que me cobre
 O amor do meu amor é que me encobre.

Não sobre um só sorriso pros meus olhos,
 Pois quero relembrar a vida inteira
 Cadeira com cadeira face a face.

E o seu sorriso vai num desenlace
 Rasgando véus, subindo aos céus
 Num gargalhar, que mudo
 Mesmo assim ecoa... ecoa...
 E os meus olhos ficam numa boa.

o inventor do martelo de orelha

Foi um francês muito esperto, chamado Charles Martel, o inventor do martelo moderno,

Composto de um apêndice metálico em forma de orelha, tirou do mercado o martelo mesopotâmico, simples sem nenhum adereço prático.

Com esta invenção, Charles Martel, então um nobre da corte de Luiz XIV, ficou cada vez mais rico, por ser o detentor de tão importante patente: a partir dela o trabalho de retirar os pregos entortados na madeira ficou bem mais simplificado.

A França se orgulhava de ser o país de mais um invento importante. Charles Martel ficou famoso, sendo que seu país se transformou no maior exportador de martelos de orelha do mundo.

Vinte anos se passaram e Charles Martel já estava bem velho e senil.

Megalomaniaco, mandou construir milhares de martelos de ouro, de todos os tamanhos.

Para curiosidade de seus contemporâneos mandou expor em praça pública um martelo de sua propriedade, pesando meia tonelada.

Cansado de tantas extravagâncias e já louco, assassinou com marteladas silenciosas toda sua família, aproveitando o sono inocente de sua mulher, de seus filhos e netos que dormiam em seu castelo de verão.

Preso depois pela polícia imperial, ainda tentou reagir com um martelo na mão, mas não houve jeito de escapar.

Capturado, foi entregue a um juiz muito cruel, que, sem dó, deu cem marteladas na tribuna, condenando-o a cem anos de prisão. Pouco tempo depois, Charles Martel morreria ali encarcerado.

Como não tinha deixado testamento, o Estado confiscou e leiloou toda sua fortuna, composta basicamente de martelos de todos os tipos.

Assim toda a riqueza do inventor do martelo moderno foi a leilão, gritado por um leiloeiro gorducho que, com um martelo na mão, ao final de cada arremate, martelava três vezes na mesa, dizendo:

— Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três, vendido para o cavalheiro !

— BOA NOITE!

DISSE A MULHER AO CEGO

EM PLENA LUZ DO DIA!!!

poema de aniversário

[para Márcia Bonfim de Arruda]

já faz um tempo que fiz 21 anos
e, assim como você, nadava nas nuvens
no vai-e-vem das avenidas, bares e tudo mais

desta forma, contudo, me sentia um rapaz vazio
a morte ou o medo dela nem me passava pela cabeça,
estava feliz à beça...

tudo em mim reluzia
feito luz fugidia
a circular pelos ares, como em noites de fogos de artifício,
entre espocar de champanhe
cor e cheiro de flores pintadas pelo senhor dos padros!

no Coxipó tranquilo daquele tempo
o chopp era servido por garções despreocupados;
a crise estava apenas começando...
os bares lotavam todas as noites
com bêbados e bêbadas se trombando
num carnaval de sonhos e mais nada.

corparia porcórea

todo corpo é porco
todo porco é corpo

pouco porco
muito porco
todo corpo é porco
todo porco é corpo
corparia porcórea
porcaria corpórea

porcoralmente
corporalmente

na cama
na lama...

corpumano
porcumano

para deputada

para deputada:

evita nobre

uma senhora que defenderá o pobre

se eleita for

em sua de...
putância

aprovará projetos

sempre defendendo o direito

da mulher...

de

de ...

putar

na cama ...

ra

juntamente com os homens.

I

finda a tarde
 e a noite surge pontual...
 no quintal além dos sonhos
 pomares rumorejam, por entre
 os frutos amadurecendo
 em outonos fugidios...

II

já faz tempo
 em que os frutos eram viçosos (sem veneno)
 e nos jardins e pomares
 pássaros canoros saudavam a manhã com música,
 beija-flor beijava flores
 enquanto que na copa da goiabeira
 o sabiá dava o timbre da canção...

III

éramos crianças
 Lígia e eu sonhávamos
 com uma terra além do arco-íris,
 com fadas e gnomos
 a saltitar pelos campos.

HEGEL E KANT:

DESCARTE-OS!

— Acho esse filósofo
INSIGNIFIKant!

(Brada Aristóteles!)

sonho de abril

meu sonho tonto de abril.
em que mês posso pegá-lo?!
em janeiro, setembro ou novembro,
ou quem sabe em dezembro, no Natal?!

sonhei-te em abril, Mônica!
você era um sonho louco, surrealista!
um anjo moreno,
com um tom preto, agudíssimo nos olhos!

como um pássaro noturno
você sobrevoava minha cabeça
tal qual um pardal
tentando bicar estrelas!

chapliniana nº I

as luzes da ribalta me corromperam

naquela noite...

atingido que "tava" por uma alegria

que dava a impressão

que o céu estrelado acima de mim festejava

comigo!

daí senti todas as estrelas do céu brilhando "pra" mim!

me esqueci por completo que era um ser sem luz própria!

pois assim iluminado era um astro servido pelas estrelas,

que como pequenos holofotes

piscavam luminosas por sobre a minha cabeça!

FILHOS SEM PAIS:

FILHOS DO PAÍS!

O FUTURO
É UM FURO
ALÉM DO MURO

itinerário bucólico

aberta a paisagem como um leque que se abre.

lá fora o vento bate suave, balançando
os arbustos em flor.

uma luz tênue invade o meu quarto
aproveitando-se da janela que se abre,
engolindo, assim, os últimos raios de sol...

breve chegará a noite
e tudo será mera lembrança!

chôrochuva

.... mas quando chove
 me comove tanto
 que o próprio pranto
 da chuva é tanto
 se confunde
 com o meu próprio pranto

chorar... chover... chover... chorar
 tanto faz como em prelúdio,
 pois o concerto
 vai rompendo a madrugada
 enquanto a chuva
 chora o tom no meu estúdio!

noite - heavy

já passava da ½ noite
 quando uma lua – metade
 apareceu ao lado dum edifício
 em formato de navio.

a festa “tavanimada”
 com um grupo de rapazes
 um tanto - quanto bêbados
 conversando no largo.

(um som estridente
 ecoava na noite:
 urros em inglês
 acompanhados por guitarras
 que rangiam
 rasgando ouvidos e corações!)

fragmento de diário

As flores de plástico
Que enfeitam minha mesa
Ainda não murcharam!

(É primavera!)

QUANTA PROFUNDIDADE

TEM...

ESTE SILÊNCIO VAZIO!

...entende...

ao falarmos
não nos entendemos ...
só falamos entre si!

as palavras saem "pro" ar
e no ar se dissolvem
juntamente com os falantes que as dissolvem
na superfície do sentido.

os mudos sim,
esses se entendem
pois só se entendem

TIC - TAC

TIC - TAC

TAC - TIC

— EUREKA!

O RELÓGIO É A BÚSSOLA DO TEMPO!

E TUDO SEGUE
ATÉ QU'EU ME SOSSEGUE!

àtempore

O dia se escorrega lento
Sem relógios a marcá-lo!

Os segundos se perdem
Na eternidade do momento
O tempo inexistente aponta
Para o vazio das horas...

Erguer-se bem devagar:
É o corpo mordonhento
A esticar o esqueleto!

campo de batalha

a guerra estava apenas começando.
os canhões estouravam feito trovão.
a carnificina dava o tom da valsa
trágica.

os gritos dos soldados feridos
ecoavam pelo vale deserto.

ao longe se ouvia a voz do comandante:

— avançar em bloco! e o tiroteio recomeçava.

entrecortado por silêncios trágicos:
pausas de mortes em conflito,
numa melodia de sangue, suor e lágrimas...

UM VENTO ÚMIDO DE CHUVA

SOPRA SOBRE MIM...

ASSANHANDO MEU CABELO DE CAPIM!

coxipó
[década de 1980]

nestas calmas ruas do Coxipó
eu vejo circular gente
que, como eu,
vagam por aí
como andarilhos, perdidos
nessas noites inconseqüentes...

e quentes, num verão com lua
tendo como palco a rua...

essa rua com folhas secas caídas no chão,
pela qual trafegam gente
que, como eu,
vagam por aí, sem rumo
pelo Coxipó afora
em noites cuiabanicamente místicas
perfumadas pelo aroma humano de corpos em ebulição!

O ORVALHO ENCHARCA

MINHA CABEÇA!...

CHORA O CÉU...

E EU CHORO TAMBÉM!

[comparação da galinha
kokorókika com
o poeta medíocre]

— meu! por que a galinha kokorókika “põe” lindos ovos de ouro
e você Sodré, só consegue pôr versos medíocres num papel em branco?!

vê se te manca, meu! ou siga o exemplo da galinha kokorókiKa:

— choque seus versos
antes de botá-los no papel!

COMO VAI LONGE O PASSADO...

O PRESENTE SE ARRASTA AGONIZANTE...

E O FUTURO É UM FILHO QUE NÃO VIRÁ!...

balada matinal

lá fora as árvores dançam!
 meus olhos que já não brilham mais
 tentam refletir a beleza desse balé
 que ao som do vento
 faz rebolar o bosque inteiro!

"reexistência" à parte
 o verde das árvores continua impassível!

nas cidades plantam-se árvores ✍
 nas ruas e nos quintais
 pra gente não se esquecer
 que elas ainda existem!

enquanto a manhã avança
 a árvore solitária dança
 ao som da melodia
 do vento que se lança.

LUA PARIDA:

PÁLIDA LUA CHEIA

a cavalo

I
no tempo de outrora
no tempo de outras horas
no tempo de outras eras
eram longas as esperas

II
até o castigo vinha a cavalo
e nas tabernas os bêbados enchiam
a cara
sem se importarem
se iam ou não perder o coletivo...

TUDO VAI BEM

QUANDO "TÔ" COM MEU BEM!

deram à paz

a cor branca

deram à paz

o pombo branco

mas a paz não é só símbolo

a paz é um estado de espírito

que se dá

e que se ganha.

O SAGUÃO ESTÁ VAZIO

MEU CORAÇÃO TAMBÉM

VOCÊ NÃO APARECEU

concerto vespertino

O vento do ventilador embala a tarde
 Enquanto o concerto vai rompendo suavemente
 As ondas sonoras acariciando meus ouvidos,
 Sedentos de música!

Haendel suspira na voz de um tenor exaltado
 Louvando o Senhor num oratório!

(— Tardes do presente?! Tardes do Passado?!)
 (Tardes do futuro?! Em que lugar existo?!)

Pergunto eu, para mim mesmo.

— Aleluia, Aleluia, Aleluia!

(Responde o coro solenemente)

... E quando a madrugada veio
 Um veio de lágrimas
 Desaguou em cheio

Me partindo ao meio...

LUZES DE NÉON
COLOREM A CHUVA:

KADA PINGO KI KAI

É HAY – KAY

no bar candeias
[coxipó/ 17/02/1984]

um grupo de poetas

patetas

pintou o rosto

pra declamar

num bar

que tinha por camarim um banheiro

com cheiro de urina

exalando em seu interior

o perfume fecal das flores putrefatas!

camarim de poetas "V22IW"

é assim mesmo:

meros banheiros de bar!

porque além de poetas

também são bêbados

que defecam e urinam

do mesmo modo como recitam

uma poesia diletante

regada a urina e chopp

no palco do "bar candeias".

andarilho

I
vou entre a relva verdejante
que o orvalho molhou a noite inteira
sou mais um dos que andam sempre à beira
de sonhos que se expiram com o tempo.

II
de, déu em déu sigo a vagar,
inútil meu andar, poço sem fundo
o meu destino é ser um vagabundo
que vive a se perder por este mundo!

III
passageiro de um trem imaginário
que perdeu há muito o itinerário
sem horário de partir ou de chegar...

IV
esse trem se locomove lentamente
sem vontade de "rodar", vai descontente
e se arrasta pelo trilho da agonia.

vazio do meu ser que não me compraz
sentimento dentro dum poço
sem água...

há no horizonte noturno
estrelas que brilham
e um anel de lua
preso neste céu de maio...

em que você viaja
com seu condão
fazendo nascer novas estrelas...

desespero

E POR TE AMAR DEMAIS QUE ÀS VEZES ME
DESESPERO SENTINDO UMA VONTADE LOUCA
DE SAIR PELA RUA GRITANDO SEU NOME EM
PLENA MADRUGADA.

a uma ornitóloga

Amada !

Era de manhã e te vi olhando um pássaro:

Um

Pássaro

Olhando

Outro

Pássaro!

além d'eu

sarcófago com cores vivas
 cores vivas de que morto
 na esperança de chegar
 ao eterno porto feliz!

quero asas de condor
 pra poder voar no céu
 e lá no alto
 num salto
 colher nuvens "pra" soprar!

soprador de nuvens sou
 ao sopro tão docemente
 que trovões no ar ressoam
 batucando um samba lento.

e como não sei viver
 sem soprar nuvens no céu
 aos poucos eu vou tecendo
 essa cortina de véus!

VOCÊ AUSENTE EM MIM

DESEJOS QUE ME INVADEM

NO MEU CORPO ARDENDO EM FEBRE!

a cantriz

I
 não sabia que a lapela
 do microfone que ela
 segurava pela mão
 transfigurava a voz dela
 que numa canção singela
 me enchia de paixão!

II
 foi assim que silencioso
 o meu olhar procurou
 um plano "pra" fixar
 e deu de encontro com o dela
 que, bolinando a lapela,
 piscava,
 enquanto cantava!

paródia bashôniana

A CIGARRA...

FUMOU-SE TODA!

A GARGALHADA DA BÊBADA...

...REDUZ O BAR A PURO RISO!

a canção de Macondo

[a Gabriel Garcia Marques]

I

Macondo deserta!
há muito que o último buendia
partiu para o outro lado do mundo...

Macondo! Macondo! Macondo!
em seu regaço Garcia Marques
suspira de paixão!
ciganos não vagueiam mais
por essas paragens
e as paisagens toscas do seu casario
habitam fantasmas dos personagens
saídos de um romance...

Macondo hoje imersa em sonho
projeta solidões cósmicas pelos séculos...

II

Garcia Marques em passos lentos
passeia "por sus calles" assoviando uma
canção: "a canção de Macondo".

Macondo! Macondo! Macondo!
agora quando?! mas quando?!
ecoará pelo vale deserto
a "canção de Macondo"?!
relembrando com saudade
os cem anos já passados?!

"hasta la vista, amigos"

a fumante

[a Chico Amorim]

QUE BICHO ESTRANHO

É ESSA MULHER QUE PASSA

ENGOLINDO E SOLTANDO FUMAÇA!

Que rumo tomará

Essa nossa poética tropicana?!

Será que alcançará o Azimuth
Do verso?

Ou se postará de 4

Ante a pirâmide do verso trovado,
(travado?!)

avestruz

POR UM TRIZ:

AVESTRUZ,

QUASE GANHEI!

poema bolero

você passa!
mas eu não acho graça,
pois você é a desgraça
existencial

da minha vida!

meu eterno conflito
vivo aflito
estou frito
em saber-me assim:
apaixonado pela sua beleza!

beleza esta
que me infesta (em festa) de desejos
platonificados em meu coração
que baba
que braveja
que bebe cerveja

por você!

cartomante da minha mão
que cruza o meu destino!
triste tino,
triste trino
dum pássaro que passa,
mas que não acha graça
que apenas se desgraça por você
tatuagem indevida
tatuada no meu peito!

UM PÁSSARO

NUM

VÔO

INCRÍVEL...

TRAÇOU NO AR

UM CÍRCULO

INVISÍVEL!

o fumante

tá vendo aquele homem
soltar fumaça pela boca?

ele baforeja
soprando fumaça no ar
formando pequeninas nuvens

nuvens que saem dum chaminé feito homem:
"fumaça que sopra
apagando as estrelas"! (como diz Caetano)

toce 1,2,3,4 vezes!
e volta a colocar
aquele caninho cilíndrico na boca
enfumaçando de novo
essa noite de abril,
povoando o céu com nuvens de cigarro.

ciranda financeira

FELIZ É O BANQUEIRO
QUE COMPRA
E VENDE DINHEIRO!

câncer

I

sei que um câncer me consome
por dentro

é o câncer do cansaço
da angústia e do desespero
que como úlceras se inflamam
no meu templo corporal podre em carne.

II

versos dos mais
diversos completam
as folhas do meu caderno...
versos que dizem,
ou melhor, tentam dizer
o que é estar se deteriorando!...

III

se afundar na dor
e nela chorar um tumor já em decomposição,
fedendo num poema plasmado numa carne
já vencida pelos micróbios que se aproveitam
dum corpo já inválido,
que estremecendo geme de dor
procurando sobreviver em meio ao câncer.

mas já é tarde!
pois o poema é um antídoto fraco
pra anestesiá-los tanta tortura,
pois ele não move a dor!

Ó! VIDA

ÁVIDA

DIVIDIDA...

QUANTA DÍVIDA,

QUANTA DÚVIDA!!! (?)

abismumano

um abismo me separa
dos meus próprios semelhantes...

mas se tento chegar mais perto deles
sinto estar mais longe
do que estava antes!

é que entro cada vez mais
para dentro de mim mesmo
numa viagem, que se afasta da chegada,
pois vou pra lugar nenhum
numa lenta caminhada...

... que me diminui
não sou, pois nunca fui...

... apenas me desfaço
como uma estátua que rui ! ...

Inspectoriana

I
emergem na manhã, dores matinais, manhosas:
alegrias tardias, dores passadas,
trespassadas. o espírito calmo granjeia felicidade.

II
milhões de seres humanos, paranóicos na dúvida do medo de ser,
arremetem-se contra si mesmos bombas interiores, implodindo-se...

III
e eu que não sou triste nem alegre
(como diz, Cecília)
sou um misto das duas coisas:
metade ao meio, minha tristeza canta
alegria triste no meu peito partido,
repartido entre duas coisas:
que se opõem, somando em mim.

A LENTIDÃO DOS SENTIDOS

TARTARUGA NO MEU JEITO
DE SER

Ó! COMO VIVER CORRENDO

SE AOS POUCOS SE VAI MORRENDO?!

a mar

meu amor é como um
barco a vela

que o mar leva

ao sabor das ondas

num dia está calmo
n'outro revoltoso
a "remar"

sem rumo

a rimar

sem rumo

pelo mar
do amar!

nada se compara
à felicidade compartilhada
em momentos de embriaguez,
tanto faz, como tanto fez...

embriagar-se de sonhos
voando em asas de espuma
e elevar-se nos ares
flutuando como pluma.

beber do convívio alegre
em noites de lua cheia:
o tilintar dos cristais
doce música "pros" ouvidos!

felicidade vagueando
no trem noturno do tempo
cujas paradas residem
nas estações do momento!

carrossel do i.l.
[instituto de linguagens]

o vai-e-vem, o sobe'desce
dessa gente passando, apressada
a se perderem em longas caminhadas,
tão preocupadas em romper o nada.

o nada, isso mesmo:
a insignificância
que a nossa santa ignorância
nem suspeita!

dessa ânsia inútil que a vida nos revela
e que por mais nos apossamos dela
mais e mais nos torna tensos e perdidos
nesse carrocél fictício:
indício claro de que somos todos loucos.

telhados tremulam ao longe
no bairro vizinho...

meus olhos se plantam em meio às árvores
mirando a paisagem...

a tarde chegou
o almoço "tá" quase pronto!

enquanto isso me alimento
da paisagem que se serve...
(meus olhos bebem atentos!)

a noite

a noite é toda mistério!
 profundo abismo escuro
 lago fundo de incertezas
 que mergulho quando durmo,
 nadando em sonho,
 sobrevoando vales ensandecidos...

coloridos vales pintados de delírio
 em dimensões catastróficas
 dando-se a impressão
 que o real é mais embaixo

— (o real, “cadê o real?”)
 me apalpo quando acordo!

— e a noite, cadê a noite?!

agora, o sol tendo seus raios como açoite/
 me responde
 enquanto abro a janela!

carros passam lá fora
 e o vento dessa manhã fria
 sacode de leve as folhas da mangueira!

é quinta-feira!
 a semana caminha pro final!,
 da mesma forma, tudo tão normal!

vão-se os dias ficam as lembranças
 tudo se arrasta num turbilhão sem
 fim!

passaram-se os anos, e aí de mim!
 fui esmagado pelo grande relógio sem
 ponteiro!

o frio me dá uma saudade
de um lugar ao norte do esquecimento:
assim algo nebuloso sobre mim revela
na paisagem quente que agora gela.

o rumor do vento
me soa lamento
canção que se emerge do meu sentimento
trazendo à baila tanta coisa fria.

e a fotografia interna me mostra
que quando o passado vem nos visitar
algo no ar se desprende
feito névoa rala
e o calor frio vem pra nos queimar.

outono

cabelos mortos caem da
minha cabeça

no outono dessa vida desvalida
sinto arder o peito, os ossos
amolecem
tudo em mim, cai, feito folha seca!

cerca de mim, vejo a vida pulsar
o ar, a paisagem toda em flor!
já houve dias em que eu era mais viçoso
e viver era bem mais gostoso!

agosto, mês dos ventos!
 é de manhã e ao longe canta o pássaro da alvorada!
 onde está o meu ânimo a minha alegria,
 a minha esperança!
 tudo se apresenta como a monotonia duma chuva
 de novembro que não cessa.
 ainda bem, que pelo menos uma brisa leve acaricia o
 meu rosto!.

ó! como não lamentar a intempérie desses dias!
 meu coração se aperta
 e no sufoco das horas
 anseia por uma canção
 que cante a legria!

soneto da terra

o planeta Terra é um barco
 sou um navegante dele
 parará em que porto?
 será que até lá já estarei morto?!

enquanto me angustio
 ele segue nas águas universais
 no seu convés ecoam os meus ais,
 pois não chego ao meu cais.

para onde vais?!
 (pergunto sem parar.)
 — inútil perguntar! (diz meu bom senso.)

não adianta ficar tenso,
 espere pelo melhor
 para o teu barco maior.

rumor de vozes
ressoam no saguão
como urros sonoros
suspensos no ar...

a noite avança em seu ciclo
de luto
absoluto...
enquanto meu coração bruto
batuca ao ritmo
das vozes rumorosas...

espera

Te esperei como um paciente
Observador de nuvens
Que sonha com paisagens aéreas
Voando velozes pelo céu...

Contudo, pela serenidade da sua presença,
Senti que era nuvem calma,
Que, ao sabor da brisa leve,
Soprava no meu ouvido
O doce sabor do vento

aviso
aos
navegantes

quando a canção
do vento soprar
bem de longe se ouvirá
o murmúrio da fonte
a bater suave no vão das pedras
que circundam a paisagem...

fim de tarde

I
no passar das horas
eu me diluo com o tempo:
com o olhar a divagar
no vazio que contemplo!

II
miro um fio de metal
branco véu
num céu
de maio
(breve ensaio!)

III
tudo lindo
muito lindo:

o crepúsculo anunciando
esta noite que vem vindo...

anatomilhas

olhar em volta, e se ver ilhado
 por semelhantes pés, por semelhantes mãos,
 por semelhantes olhos que nos vigiam...
 e não nos deixam escapar.

seres humanos a cercar seres humanos,
 semelhantes armadilhas que se atraem por osmose
 que se contemplam,
 que se esbofeteiam,
 rompendo os limites de si mesmas!

no horror do medo,
 no ato gratuito de um abraço,
 no laço que se amarra,
 que se agarra...

e tudo se cola
 como num feixe de mola
 que prende e se desprende
 em ânsia tão cara:

o espaço que nos une
 é o mesmo que nos separa.

corredor

correr de si mesmo sem trégua:
 não tem régua
 que meça
 essa pressa
 toda!

tentando ultrapassar-se, segue sem razão
 pela estrada interna dos seus devaneios,
 e os freios
 não brecam tal insensatez...

pois deseja asas "pra" sair de si!
 que destino ingrato não ser bem-te-vi!

poema descolorido

I

Estávamos em plena primavera de 1992
E o país no estopim de mais uma crise.

II

E o presidente, cai ou não cai?!
(era o comentário geral.)

III

Enquanto isso, nos quintais de Cuiabá,
Alheios a todo esse drama,
Sabiás e bem-te-vis saudavam a manhã com música.

na minha cabeça :

sua imagem!

e no ar

umamensagem,

apenas:

um nome igual ao seu,

rasgando o ar

num grito alucinante!

brilhante

I
 teus olhos de diamantes
 brilham mais...
 que o mais brilhante
 dos brilhantes!

II
 e neles refletem nuvens,
 regatos, montanhas, vales,
 ficando a mirarem perdidos
 essa imensidão sem fim
 feito cores de arco-íris
 flutuando num jardim !

grafite [I983]

poderia sair por aí pichando muro
 fazendo do grafite
 o meu palpite
 poético!

mas não!
 o grafite dá cadeia,
 suja a cidade
 suja os muros da cidade, pois a poesia,
 como a puta Maria,
 são consideradas sujas
 e "ferem" o patrimônio
 dessa sociedade hipócrita!

o teu muro branco é bonito,
 mas, mais bonito ia ficar,
 se eu pichasse nele um poema meu!

mas você é fascista e não deixa
 não quer que teu muro
 vire um livro público
 para que todos que passem por perto
 leiam com prazer na fachada de tua casa
 um poema falando de amor...

dum amor que já não existe
 no interior do seu lar
 "doce lar"!

(você me faz rir, cidadão!)